Transcrição Marta GR

Entrevistador: Então Marta, é... Brigada pela sua presença aqui com a gente. A gente está fazendo um estudo sobre a memória olímpica brasileira através da historia de vida dos atletas. Então uma pergunta bem simples, queria que você contasse a sua história de vida.

MARTA: É bem simples?!? (rs) História de vida? Bom, eu sou gaúcha de Passo Fundo e fui uma criança pra lá de arteira, moleca, sapeca e safada e minha mãe começou a procurar algum jeito, como quase todos os atletas começaram, de extravasar essa energia. E na escola, quando eu tinha seis anos, em Porto Alegre, eu conheci a ginástica, o vôlei e o atletismo, e comecei os três. O vôlei porque eu era uma menina muito cumprida, a ginástica porque eu adorava e o atletismo porque eu fazia salto em altura. Aí o atletismo e o vôlei duraram muito pouco e a ginástica virou aí a minha vida na verdade, aí não tem mais história de vida, tem história de ginástica. E aí aos seis eu comecei então na escola, fui caçada da aula de Educação Física pela flexibilidade, as pessoas começaram a ver que eu era uma menina muito flexível e aí da flexibilidade “Ah, essa aí vai fazer ginástica...”. Com a sorte enorme da escola ter ginástica rítmica, porque isso no começo dos anos 80 era uma, praticamente, uma mágica... e aí eu comecei, uma ano depois eu já tava no clube, na Sogipa em Porto Alegre, treinando de verdade, meu primeiro sul-americano, já como seleção brasileira eu tinha nove anos... e daí pra frente foi só ginástica minha vida, estudar, pai alemão, cobrador, então eu tinha que para me manter no esporte eu tinha que ir muito bem na escola, então eu ficava... eu realmente sempre corri junto com essas duas questões e aí a ginástica me ofereceu o mundo, literalmente, porque aos nove anos eu estava na primeira competição internacional, logo depois disso, a seleção brasileira, isso era mirim na época que existia, hoje é o pré-infantil e foi embora. Aí eu tive uma grande oportunidade com a ginástica, porque aos 14 anos, meu pai foi transferido pra Alemanha e aí eu pude treinar lá e aí no mundial em 89, que foi meu primeiro mundial, ele já foi bem e em 91 eu consegui a vaga olímpica e aí, em 92 eu consegui competir os Jogos Olímpicos, mas assim, a história de vida se confunde muito com a história de atleta e a história de vida hoje, que já fazem tantos anos que eu competi os jogos olímpicos, continua sendo fruto de tudo que eu aprendi na quadra, depois fora da quadra ensinando ginástica, depois fora da quadra coordenando a seleção brasileira de ginástica, então tudo se confunde muito com oportunidade de ter conhecido o esporte aos seis, sete anos de idade. É difícil falar de história de vida tirando a história do esporte pra quem foi atleta.

ENTREVISTADORA: E, você foi uma das primeiras ginastas a ir para uma Olimpíada...

MARTA: Sim, em 84, nos jogos olímpicos de Los Angeles, a Rosane Favila foi. Que foi aqueles jogos olímpicos que teve um boicote, a Rosane Favila competiu. Mas, aí, não, não tivemos mais participação brasileira e em 91 eu me classifiquei no mundial pré-olímpico e aí em 92 eu competi nos jogos olímpicos no individual e depois disso no individual nós não tivemos mais nenhuma participação na ginástica rítmica, o Brasil não conseguiu mais se classificar, a gente classificou no conjunto e a gente tá fazendo uma história bonita no conjunto nos jogos olímpicos, mas individual, então, infelizmente nos temos só duas representantes.

ENTREVISTADORA: E como foi essa sua classificação?

MARTA: A minha classificação foi fruto muito de eu ter podido ficar na Europa um tempo treinando, porque no Brasil, você imagina uma época nos anos 80, não tinha nada, não tinha internet, não tinha comunicação, era muito caro e difícil da gente participar de competições na Europa, que era o berço da ginástica rítmica, então a gente ficava muito defasado. Como eu tive essa oportunidade, meu pai foi transferido para Alemanha pra trabalhar e eu ter ido morar, então eu pude treinar com a seleção alemã, isso me deu uma, um nível de competitividade muito maior e aí eu consegui a vaga. A, a, a vaga foi uma epopeia, que eu competi o mundial em Athenas, pré-olímpico, em 91, e se classificavam 50, competiram duzentas e poucas ginastas, que aí já são as melhores do mundo e dessas duzentas melhores do mundo, 50 se classificariam pros jogos olímpicos e eu fui a 51... e não foi uma “boa ideia” ser a 51 (rs)... Então aquilo foi muito traumático. Você imagina ser a primeira reserva?! E aí, adolescente, eu tinha 17 anos, aí eu já tava toda destruída, joelho estuporado, cabeça pirando, porque é uma fase muito difícil de uma vida difícil, né, por conta do esporte, muito pouco incentivo ainda naquela época no Brasil... Então aí eu joguei tudo pra cima, eu falei: ‘eu não quero mais saber desse negócio, não vou mais treinar...’ Voltei pro Brasil e parei de treinar. Só que logo depois, veio a convocação, chamaram mais três né, porque tiveram três lesões, era óbvio que uma ia subir, mas na minha cabeça, não era nada óbvio, era uma coisa assim absurda de eu ter ficado em cinquenta e UM, cinquenta e um! E aí foi muito difícil, porque eu tinha parado de treinar, tinha engordado, isso pra ginástica é o crime da mala e aí foi uma correria. Recebi a convocação, então no Brasil a gente teve uma nova disputa dessa vaga, porque eu tava parada e veio a vaga no nome do país e não mais no meu nome. Então, eu tive que disputar duas vezes a minha própria vaga, no mundial pré-olímpico e depois aqui numa seletiva interna. Aí eu ganhei aqui e aí sim eu treinei pros jogos olímpicos, mas foi bem doído assim, foi um processo né, de ter sido 51, aí você acha: ‘bom, não tem jeito mesmo, o Brasil não vai classificar nunca pra essa individual’ e aí vem a convocação, mas aí não é minha mais a vaga, daí disputa de novo a vaga, aí... Mas no final, deu tudo super certo e o fato de ter sido representante olímpica, viver uma olimpíada é uma coisa que não tem explicação lógica...

ENTREVISTADORA: Conta um pouquinho...

MARTA: É, eu me lembro muito bem de ter chegado na vila, eu tinha 17 anos, tava viajando sozinha, eu fui desacompanhada, sem ninguém, não tinha treinadora, não tinha nada, era uma outra época né, e... Fui sozinha, tinha a, a professora Vicele, o pessoal da ginástica olímpica que tava também. A Vicele era chefe da delegação, então ela me acompanhava, mas não tinha treinadora da ginástica rítmica. E eu sozinha e era a mais nova de toda a delegação brasileira, então eu era um nenê, todo mundo me cuidava um pouco e eu me lembro claramente de ter chegado na vila e de ter ficado três horas na sacadinha, a gente tinha uma sacadinha assim no quarto, sem perceber que tinha se passado três horas, sabe aquela coisa mesmo que se parece um filme? Fiquei três horas parada lá, até que alguém começou a me chamar pra comer ou alguma coisa assim e eu não tinha percebido três horas que se passaram vendo assim, eu me lembro, no primeiro dia eu vi o Car Lewis e o Boris Becker do outro lado da rua e eu... Sabe... Então era uma coisa, você tá entre aquele, em 92 foram dez mil atletas mais ou menos nos jogos olímpicos, você ser um dos dez mil melhores atletas do mundo era uma coisa que não tem muito peso, né, você não consegue entender, então quando você entra ali, é onde você se dá conta, que é uma dimensão muito maior. Ainda mais pra mim, era menina de tudo, tava sozinha e eu treinava na vila, eu peguei abertura e encerramento, peguei é, o ciclo completo, eu participei da abertura ao encerramento, então já fiquei trinta dias na vila e eu treinava na vila, então eu não saía da vila. A ginástica teve esse privilégio, o ginásio de treinamento era dentro da vila olímpica, então a gente não tinha, porque eu lembro que os meninos do vôlei tinham que pegar ônibus cedo, viajar um monte pra treinar e voltar e eu, cinco minutos depois eu tava no ginásio, voltava, então aproveitava o dia, aproveitei muito a vila e foi sensacional, tá aí, logo depois disso, aí sim eu parei de treinar! Também já tava muito estropiada, não tinha... Entrei na faculdade e comecei a dar treino. Minhas primeira equipes, em 93, eu já comecei a treinar e a minha primeira ginasta que eu treinei, competiu os jogos olímpicos em 2004. Então eu competi e depois eu formei uma ginasta que competiu e depois eu coordenei a equipe que competiu em 2008, então eu vivi vários papéis nesse ciclo olímpico, isso pra mim é, é, minha história de vida. É mais fácil eu contar minha história de vida por aí, do que contar mesmo uma história normal.

ENTREVISTADORA: E como foi o primeiro dia de competição, assim, na hora que você entrou e falou: ‘nossa, agora é a hora e...’

MARTA: Então, o primeiro dia de competição, os treinamentos, como eu fiquei muito tempo na vila, eu treinei vinte e poucos dias né, então eu conhecia todo mundo já e como eu tava sozinha, você imagina, ginástica rítmica, sozinha, quem liga a música?, quem liga a sua música?, então, eu comecei a fazer amigos que iam comigo pro treino. Então, por exemplo, se tinha alguém do vôlei que não tava treinando naquela hora, aí ia comigo pro treino, ligava minha música, se tinha alguém do judô... Então foi uma coisa bem... Que eu jamais poderia... não deve ser assim, mas foi, deu super certo. Então eu comecei a fazer muitos amigos ali naquela processo. O primeiro dia de competição, é, parecia até que não ia chegar nunca, 15 dias treinando, eu falei: ‘nossa, parece que não...’. E aí, sorteio da competição, eu fui a... primeira! Eu abri os jogos olímpicos, então, por sorteio, então, quando saiu o sorteio, eu abri os jogos olímpicos, isso sim foi uma coisa inexplicável. Porque a ginásio todo apagado, acende a luz: ‘Lets start the competition!’, imagina: ‘Lets start the competition!’ e sou eu quem vou entrar... E era uma coisa... Em Barcelona eles tem uma, na Espanha, na competição de ginástica, eu não sei se nas outras modalidade tem também, eles tem uma forma de bater palma, eles ficam assim: ‘pá, pá, pá...’ esperando entrar. E aí o ginásio inteiro fazendo isso, apagava e acende a luz e era eu que entrava ali, ali você sente...

ENTREVISTADORA: Sem ninguém te dar um apoio...

MARTA: Não aí a Vicele tava comigo, tava comigo com 500 toalhinhas, ela tinha uma mania de toalhinha, uma pra secar o pé, outra pra secar a mão, outra pra secar a bola, pra secar a cabeça, ela tava, parecia um armário, tadinha, pendurada de toalhinha e aí... esse momento não tem muito como te dizer: ‘ah, como é que foi’, porque foi uma mistura de ‘mãe eu quero ir pra casa’ com ‘essa é minha hora, não é pra isso que eu vivi todo esse tempo’, então é uma mistura de um monte de coisa e ouvir essas palmas, eles só ia parar quando eu entrasse, que eu era a primeira, tava abrindo os jogos olímpicos, uma coisa muito significativa. E depois que começa né, você não sente mais, aí fica exatamente uma competição normal. Eu me lembro da diferença de entrar na quadra nesse primeiro momento, depois fica uma competição normal mesmo, acho que você se prepara tanto pra isso, você consegue vestir essa cara de ‘bom, vamos uma coisa por vezes’, são quatro aparelhos, então a gente entra quatro vezes, aí depois foi tudo bem normal, mas esse primeiro momento... e tinha uma coisa interessante, que o ginásio de treino era do outro lado da rua, então a gente passava por uma passarela, em cima de uma avenida, aí tinha antes de entrar na quadra um lugarzinho que tava escrito ‘sala do último lançamento’, então parecia uma coisa da forca assim, sabe (rs), aí você entrava lá, podia fazer dois, três lançamentos e depois entrava na quadra. Porque a ginastica rítmica individual é você sozinha né, você, enfrentando o público e a banca de arbitragem, não tem time, você não tem essa, essa sensação, e não tem possibilidade de recuperação, caiu o aparelho, caiu o aparelho, acabou pra você. Não tem essa coisa de virar, virar o jogo, essa sensação a gente não conhece, a gente trabalha com a, o limite da perfeição...

ENTREVISTADORA: E como você lidava com o esforço físico e dor?

MARTA: Olha, eu me machuquei bastante, como todo atleta, mas eu nunca tive lesões que me impediram de trabalhar, de treinar. Eu tive meu joelho de papel, aí que foi apodrecendo ao longo do tempo, que depois eu reconstruí cirurgicamente, mas assim, eu nunca tive lesões muito impeditivas, eu acho que nosso limiar de dor também vai ficando muito alto. Eu de verdade não me lembro de ter sofrido. Lembro de ter tomado muito remédio, de ter feito muita fisioterapia, mas eu não me lembro de isso ser pra mim um limitador de performance e nem um dos motivos de muito cansaço, a dor física, não era assim. É engraçado, hoje eu converso com muitos amigos e pra eles isso foi muito, muito forte e pra mim de verdade não foi, claro que teve a questão do joelho, eu tive a coluna algumas vezes, porque a gente trabalha com uma flexibilidade absurda, então, a coluna sofre demais. Fiz fisioterapia dez anos, treinei dez anos e fiz fisioterapia todos os dias, então, aquela coisa... já fazia parte da minha rotina de treino, chegava, ia pra fisio, depois ia treinar, depois passava pela fisio, depois ia pra casa... Então isso foi, tirando meu joelho, que eu tive três luxações completas e uma inclusive num campeonato, nos jogos sul-americanos “Odesur”, em 90, ele saiu antes da ultima prova, eu já tinha ganhado os três ouros e faltava a última, era maça, peguei a maça e “pum”, dei uma porrada nele, pra ele voltar e competi... Então eu me lembro de ser um...

ENTREVISTADORA: Nossa, você competiu?

MARTA: Competi, ganhei, terminei, aí depois fui de maca. Então eu não me lembro de ser uma questão ‘impeditória’, assim. O que mais me atrapalhou fisicamente, de saúde, é porque eu sou talassêmica, tenho anemia falciforme... Eu nem sei explicar direito, que é o que, uma deformidade nos glóbulos vermelhos e isso me dá um déficit de resistência geral, é uma questão que atinge diretamente o fígado, então compromete bastante o meu rendimento geral. Então, eu, eu sempre fui mais fraca. Então eu desmaiava muito, cansava muito, quando a gente ia competir em lugares muito quentes, invariavelmente eu ia parar no hospital. Cuba... nossa, eu mais fiquei no centro de reabilitação do que dentro do ginásio... Então, isso sim me impediu mais do que as lesões ortopédicas, a talassemia foi mais difícil de lidar e que na verdade eu não conheci nenhum outro atleta perto de mim que tenha. Me lembro muito bem do meu médico, ao seis anos, eu nasci com isso, né, minha mãe tem isso. E quando eu comecei a fazer ginástica, me apaixonei, já virou... Minha mãe me levou: ‘ ela pode fazer esporte?’ e ele falou: ‘Não, pode, só que você nunca vai ser um atleta, mas cê pode...’. Pra mim, aquilo e nada foi a mesma coisa né, e então, realmente eu tinha uma limitação metabólica, mas também, nada que eu levasse muito a sério. Se eu tivesse levado isso muito a sério, eu nunca teria sido atleta.

ENTREVISTADORA: E em alguma momento assim, você sentiu algum tipo de preconceito... por ser a única ginasta, ou por ser mulher...

MARTA: Não, de verdade não, eu, eu ficava muito brava, ainda mais adolescente, porque a ginástica rítmica, quem não conhece o processo de treinamento da modalidade, o quanto é pesado, oito horas por dia, todo dia, mais as aulas de balé clássico, mais tudo, acha que aquilo é uma dancinha, porque você olha, a gente tem que entrar com cara de paisagem, tem que fingir que tudo o que tá fazendo é fácil, porque senão você não tá cumprindo a expectativa da arbitragem, então, aquilo eu lembro que com os meus outros amigos atletas, aquilo me irritava: ‘ah, tudo bem, vai lá pra sua dancinha’, aquilo me deixava louca né, mas esse não é um preconceito nem nada, é simplesmente uma forma de interpretar, porque é um esporte que mistura muito com a arte, então a gente tinha essa análise: ‘ ah, sempre as menininhas da ginástica rítmica, na verdade o negócio é pesado pra caramba e começa muito cedo, treina-se muito, tem que manter peso, muito, tem que fazer tudo muito, como todos os outros esportes olímpicos. Então, isso sim, agora preconceito de fato, não. Eu lembro de ter vivido uma época no país que era mais, muito mais difícil de ser atleta, né, tinha menos estrutura, ainda não tinha lei, que é o que destina dinheiro pras seleções, então as seleções, nem sempre tinham dinheiro pra ir pra campeonato mundial, então, isso sim eu sofri bastante, antes de ingressar nesse novo momento que já tem uma estrutura muito mais pronta pra receber os esportes olímpicos do que foi nos anos 80 e começo dos anos 90, que é a geração que eu treinei. Agora, preconceito de verdade, não, nem por ser mulher, nem por ser ginasta.

ENTREVISTADORA: Daí, acabando a olimpíada??

MARTA: Acabando a olimpíada eu entrei na faculdade, né. Porque acabando a olimpíada, eu comecei a treinar minhas primeira equipe de garagens e foi literalmente de garagem, na garagem de uma amiga na vila mariana, tinha umas criancinhas, eu comecei a trabalhar um grupinho de ginástica, fiquei um ano nesse processo, entrei na faculdade de educação física e continuei né, em pouco tempo eu tava como treinadora no clube Sírio, depois no clube Espéria, por muitos anos e daí fui, em 2004 eu assumi o projeto ‘seleções olímpicas permanentes de ginástica’, fui coordenadora das seleções pro pan, em 2007 e dos jogos olímpicos em Pequim. Logo depois das olimpíadas eu já emendei no trabalho com a ginástica, tinha 18 anos.

ENTREVISTADORA: E, essa sua trajetória de virar técnica, assim, como foi?

MARTA: Foi muito suave, porque eu sempre, eu sempre fui muito... treinadorazinha, sabe? Sempre fui aquela que gostava de montar as séries, eu gostava de escolher as músicas, eu sempre fiquei muito ligada nas regras, em como se treinava aqui, como é que eu treinava no Brasil e quando eu fui treinar na Alemanha, como é que era, quando eu tive treinando pelo mundo, como é que era, qual era a diferença, sempre fui muito ligada nisso, então foi uma transição que eu tinha certeza absoluta que eu ia ser treinadora, não era uma coisa assim: ‘ah, o que será que eu vou ser?’. Eu lembro de ter sido um embate dentro de casa, meu pai falou: ‘pô, você vai ser professora de educação física, já não basta ser só atleta esse tempo todo...’, foi esse embate, mínimo também, falei: ‘não, é isso, é isso!’ e fui estudar. Então, não tev... eu num, de verdade, eu não pensei em outra coisa. Hoje, brinquei, ‘ah, então vou ser jornalista esportiva’, tudo tinha a questão esportiva no meio, também, mas foi, nem tentei, então aí, direto, eu comecei a treinar as meninas e deu muito certo desde o começo. Minhas primeiras equipezinhas já foram bem e foi evoluindo rápido, tanto que em 2004 eu já tive ginasta competindo nos jogos olímpicos. Então, foi um, foi um processo bem natural assim, como se eu só tivesse mudado de posição na quadra, de dentro da quadra, pra fora da quadra, não foi muito traumático. Eu sentia muita falta da prática, como eu acho que todos os atletas... é difícil se desligar do, principalmente na ginástica rítmica, do aplauso, porque é uma coisa muito sozinha, era eu ali, recebendo medalha, era eu ali, sendo aplaudida e tinha uma questão de ritual muito forte, de se arrumar pra competir, então isso foi desligar... Até hoje eu sonho que eu tô competindo, eu agora com 36 anos, parei de treinar com 17. Até hoje eu sonho e é tão real, uma coisa, parece que eu tô vendo fazer a maquiagem, arrumar o cabelo e entrar na quadra. E é super gostoso, não é um sonho meio melancólico, nada disso, eu acordo e falo: ‘é, que ridículo’ (rs) ‘vai vendo...’. Já passou tanto tempo, porque é muito marcante, fica impresso. Até teve uma aluna minha que me ligou, uma ginasta minha que me ligou um pouco tempo atrás, já são todas moças, ela falou: ‘aí, Kitty (que é meu apelido no esporte), eu tenho uma saudade daquele tempo que a gente salvava o mundo todos os dias’, porque eu acho que a sensação do atleta é um pouco essa, eles tem uma missão ali dentro do ginásio né. Então, é, eu achei o máximo essa frase dela e falei: ‘ai, eu vou anotar essa frase’ e é bem isso, a sensação de que a gente salvava o mundo todos os dias, você saia dali, você tinha um objetivo muito claro, tinha coisas pra fazer naquele dia, você tinha uma meta de performance que tinha que ser ultrapassada naquele dia, então, essa questão, faz falta na vida real né, na vida do mundo ordinário, né, então eu tento colocar isso de um outro jeito, mas foi muito natural o processo assim, não foi traumático.

ENTREVISTADORA: Hum, legal...

MARTA: É interessante, e eu até hoje uso tudo da ginástica. Hoje eu trabalho com diversas coisas diferentes, hoje eu trabalho com o desenvolvimento humano, trabalho com coaching pra performance de atletas e de não atletas, trabalho com ginástica rítmica, trabalho na pós-graduação de ciências do esporte, trabalho na pós-graduação de formação de pessoas, né, de gestão estratégicas de pessoas, mas tudo com os conceitos que eu aprendi ali dentro da quadra, que foi formatando meu jeito de pensar, de ver a performance humana, de analisar a performance humana, como é que o individuo se desempenha bem? Isso é, eu acho que é, a minha pegada ficou toda no sentido do desenvolvimento humano, seja dentro da quadra ou fora da quadra.

ENTREVISTADORA: Ah, legal, eu acho que é isso, você quer falar mais alguma coisa?

MARTA: Nossa, eu já falei tanto, já vai dar tanto trabalho pra você transcrever (rs)...

ENTREVISTADORA: Isso é o de menos...

MARTA: Não, é isso, eu acho super legal essa iniciativa de resgatar um pouco de todas essas histórias, porque, eu tenho certeza que cada uma é muito diferente da outra. A minha história não foi uma história de, de desafios financeiros, nem nada disso, eu tive a oportunidade de ter uma família que me deu condições de seguir, senão eu não teria sido atleta, né. Eu pude morar na Europa, treinando, voltar, então eu não tive esse tipo de desafio de superação financeira, a minha superação foi absolutamente física e mental pra você suportar isso tudo e de, eu acho que o maior desafio de um atleta olímpico é transformar tudo isso em energia pra seguir vivendo, porque é tudo muito forte, tudo muito intenso, é tudo que você sabe que não vai se repetir daquele mesmo jeito. Então, o que que vai ser na vida depois tão legal como aquilo?? O que que vai ser na vida depois tão emocionante como aquilo? Tanto que os amigos que a gente fez nessa época, a gente não se encontra assim, dez anos, se a gente se ver, é uma coisa tão intensa, porque é de um momento muito mágico, nós fomos pessoas absolutamente privilegiadas pelo momento, ter podido viver esse tipo de sonho. Eu acho que o maior desafio dos atletas olímpicos é transformar em energia pra vida tudo aquilo que a gente viveu na quadra, das viagens na quadra, das amizades pelo mundo. É bem por aí, é isso, essas coisinhas que eu conto pro Bernardo, meu filho.

ENTREVISTADORA: Legal, brigada pela conversa aí...

MARTA: Imagina...

ENTREVISTADORA: Muito bom, acho que só.